
REINVENTANDO A LOCALIDADE: GLOBALIZAÇÃO HETEROGÊNEA, ESCALA DA CIDADE E A INCORPORAÇÃO DESIGUAL DE MIGRANTES TRANSNACIONAIS*

Bela Feldman-Bianco

Universidade Estadual de Campinas – Brasil

Resumo: Dado um renovado interesse nas relações entre migrantes e cidades, examino as continuidades e mudanças no posicionamento e papéis desempenhados por migrantes portugueses e suas práticas locais e transnacionais à luz dos reposicionamentos de New Bedford, Massachusetts (EUA) e Portugal na economia política global. Ao invés de adotar o grupo étnico como unidade de análise, centralizo a minha atenção nessa localidade americana e na política ao nível local para explicar as relações entre globalização, escala de cidade e a incorporação de imigrantes. Ao inter-relacionar processos locais e globais, indico como a incorporação desses migrantes em New Bedford se imbrica à sua simultânea inserção em Portugal e na União Europeia. Dessa perspectiva, desvendo os aparentes paradoxos subjacentes aos projetos neoliberais em curso, que se apoiam na organização flexível do trabalho, em políticas imigratórias restritivas de segurança nacional e decorrente criminalização de imigrantes, bem como em ideologias de diversidade cultural.

Palavras-chave: escala da cidade, globalização heterogênea, incorporação desigual, migrações transnacionais.

Abstract: Given a renewed interest on immigrants and cities, I examine the continuities and changes in the positioning and roles played by Portuguese migrants and their local and transnational practices against the repositioning of New Bedford, MA and Portugal in the global political economy. Instead of adopting the ethnic group

* Trata-se de uma tradução um pouco modificada do artigo “Remaking locality: uneven globalization, city scale and immigrants’ unequal incorporation” originalmente preparado para a coletânea *Locating migration: migrants and cities*, organizada por Nina Glick Schiller e Ayse Çağlar, a sair pela Cornell University Press. Agradeço as organizadoras e à editora por permitirem a publicação do texto em português. Meus agradecimentos também aos pareceristas anônimos de *Horizontes Antropológicos*.

as my unit of analysis, I centralize my attention on New Bedford and local level politics to explain the relations among globalization, city scale and migrants' incorporation. By interrelating local and global processes, I show how the incorporation of these migrants in New Bedford is enmeshed with their simultaneous incorporation in Portugal and, by extension, in the European Union. From this perspective, I expose the apparent paradoxes that permeate the ongoing neo-liberal projects which are grounded upon the organization of flexible labor, restrictive immigration policies favoring national security and the criminalization of immigrants, and ideologies of cultural diversity as well.

Keywords: *city scale, transnational migration, unequal incorporation, uneven globalization.*



A foto acima é de autoria de Marcus Halevi, um fotógrafo profissional que, a meu pedido, documentou as filmagens do vídeo etnográfico *Saudade* (1991), incluindo essa cena de uma procissão da Festa do Divino Espírito

Santo, organizada por imigrantes da Ilha de Santa Maria que se radicaram na Nova Inglaterra, EUA. Gosto muito dessa foto, porque capta de forma exemplar a aparentemente inusitada sobreposição de um ritual açoriano à paisagem asséptica de uma autoestrada americana. Emaranhando o olhar do fotógrafo com o meu olhar de etnógrafa, essa foto evoca memórias das minhas primeiras incursões em campo e de meu espanto quando me deparei, pela primeira vez, com uma procissão similar nas ruas de New Bedford, uma cidade histórica da Nova Inglaterra. Como em tantos outros episódios que à primeira vista pareciam paradoxais, senti que as vaquinhas do Divino Espírito Santo estavam decididamente fora de lugar no cenário industrial da cidade. Essas sensações iniciais me estimularam a decifrar tais enigmas.

Minha pesquisa de campo foi extensivamente moldada por múltiplas e contraditórias imagens alegóricas de diferentes tempos e espaços portugueses que pareciam se impor e se contrapor à paisagem industrial americana. Aparentavam, assim, demarcar fronteiras simbólicas em torno dos enclaves portugueses espalhados pelas pequenas cidades da Nova Inglaterra. Embora considerando os processos paralelos e simultâneos de incorporação dos imigrantes em New Bedford, centralizei minha atenção nas construções culturais da saudade na diáspora.

Vale lembrar que, em finais da década de 1980, inúmeros fatores favoreciam a reconstituição da cultura e identidade portuguesas. Entre meados de 1960 e 1980, as políticas americanas, promovendo a migração em cadeia, possibilitaram a vinda de novos contingentes dos Açores e Portugal continental para a Nova Inglaterra, continuando a tradição de incorporação desses imigrantes como trabalhadores sem qualificação nas fábricas locais. Ainda na década de 1970, as emergentes ideologias multiculturalistas nos EUA passaram a estimular a política da diferença e o florescimento da etnicidade. Subsequentemente, a lei de nacionalidade portuguesa de 1985, baseada nos “direitos às raízes” e, portanto, em laços de “sangue” e ascendência, facilitou a incorporação da diáspora na remodelagem de Portugal como uma nação pós-colonial desterritorializada. A concessão de direitos de dupla nacionalidade e cidadania pelo Estado pós-colonial aos seus emigrantes reconheceu e estimulou a renovação de uma identidade transnacional portuguesa. Portanto, o “presente etnográfico” de New Bedford em finais dos anos 1980 me direcionou a examinar as reconfigurações da portugalidade na diáspora e, desse pon-

to de vista, os campos transnacionais e os processos incorporativos ligando emigrantes ao seu país de origem.

Diferentemente da maioria dos estudiosos das migrações que realizavam pesquisas entre os então “novos” imigrantes do Caribe e da Ásia, me deparei com uma situação na qual os novos imigrantes que chegaram a New Bedford e cidades circunvizinhas eram formados pelos contingentes mais recentes de uma migração histórica dos Açores, Portugal continental, Cabo Verde e (em extensão bem menor) Madeira para a Nova Inglaterra. Dada a contínua renovação desses contingentes migratórios, examinei se o transnacionalismo era um fenômeno antigo ou recente – uma questão, aliás, que estava na ordem do dia.¹ Com base na análise de genealogias da migração, estruturas domésticas e observação de eventos, indiquei que no passado, e no presente, as experiências de vida dos migrantes portugueses se estendiam entre localidades do continente, dos Açores e da Madeira e localidades da Nova Inglaterra. Também notei que, desde a década de 1970, ocorria uma intensificação de antigas, e a emergência de novas, formas de conexão e identificação com Portugal. Por outro lado, a minha análise histórica me possibilitou mapear os eventos contemporâneos de um ângulo diverso e, assim, identificar uma simultânea exacerbação de localismos, por parte dos portugueses, enquanto um enclave étnico na cidade (Feldman-Bianco, 1992, 1995). Esses padrões simultâneos se tornaram constitutivos da inter-relação dinâmica entre globalização e localismos na presente conjuntura do capitalismo global.

Se a temática da saudade me direcionou a priorizar a análise das relações entre transmigrantes portugueses e a terra natal, a minha participação em um simpósio sobre migrações e escalas de cidades me desafiou a inspecionar as concomitantes relações que esses protagonistas desenvolvem com a localidade de fixação. Com o intuito de contribuir para a teorização sobre *localidade*, aventurei-me a relacionar os processos de incorporação desses migrantes em Portugal com a sua simultânea e intrincada inserção em New Bedford, à luz das mudanças de posicionamento dessa cidade da costa sul de Massachusetts na

¹ Essa era, por exemplo, uma das questões do simpósio *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*, organizado por Glick Schiller, Basch e Szanton em maio de 1990 na New York Academy of Sciences e publicado em forma de livro (Glick Schiller; Basch; Szanton, 1992). À época, o objetivo era refletir, a partir de uma série de estudos de caso, sobre a pertinência de paradigmas transnacionais para o estudo das migrações internacionais.

economia política global.² Com esse objetivo, volto-me, neste artigo, à análise das interações dinâmicas entre processos globais e locais, no contexto das transformações da economia política global nos últimos 20 anos e que estimularam um renovado interesse no estudo das relações entre migrantes e cidades. Essas dinâmicas, além de re-estruturarem New Bedford e os processos incorporativos dos migrantes à cidade, favorecem as conexões transatlânticas das lideranças migrantes, estimulando iniciativas transnacionais para reinventar a cidade econômica e culturalmente. Considerando esses desenvolvimentos, meu objetivo é examinar os modos pelos quais transmigrantes confrontam, se mobilizam ou se conformam às mudanças históricas nas formas e circunstâncias da formação de capital e os esforços para controlar e subordinar o trabalho. Desse ângulo, procuro expor os aparentes paradoxos subjacentes aos projetos neoliberais em curso, que se apoiam na organização flexível do trabalho, em políticas imigratórias cada vez mais restritivas de segurança nacional e na decorrente criminalização dos imigrantes, bem como em ideologias neoliberais de diversidade cultural.

Ao me voltar à análise da sinergia entre os processos globais que estão re-estruturando New Bedford e os processos incorporativos, que unem migrantes a essa localidade em tempos neoliberais, fundamento-me novamente em dados de pesquisa etno-histórica de longo prazo. Enquanto o foco na escala da cidade se refere predominantemente à globalização contemporânea, questões referentes à “re-estruturação e reinvenção da

² Essas questões foram suscitadas pelo convite para participar do *workshop* Migration and City Scale, organizado por Ayse Çağlar e Nina Glick Schiller, em maio de 2006, no Max Planck Institute for Social Anthropology, Halle/Saale, Alemanha, que reuniu estudiosos das migrações e especialistas em geografia urbana, com o propósito de teorizar localidade nos estudos de migrações internacionais. As organizadoras partiram da constatação de que, apesar de migrantes internacionais residirem e trabalharem em cidades que estão desigualmente localizadas na economia política global e não obstante as cidades estabelecerem os principais parâmetros para a formação de identidades e estratégias políticas, as geografias de incorporação, marginalização e participação imigrante são raramente focalizadas. Ao invés, os fatores que moldam as práticas e os elos sociais dos migrantes numa localidade tendem a ser extrapolados e traduzidos como equivalentes a fatores nacionais. Essa situação parece ser decorrente da tendência de se investigar diferenças entre Estados-Nação ou entre diferentes nacionalidades, ou, ainda, entre grupos étnicos para explicar diferenças de incorporação e tipos de conexão transnacional, deixando-se, portanto, de se explorar as complexidades das relações entre migrantes e cidades (Çağlar; Glick Schiller, 2006). Essas estimulantes questões trazem à tona os limites da perspectiva transnacional e da ênfase demasiada nos trânsitos transnacionais – seja na viagem ou no viver entre nações – às expensas de análises sobre as experiências de imigrantes em localidades específicas. Afinal, migrantes são protagonistas e, portanto, parte dos tecidos sociais das cidades nas quais se radicam.

vida urbana através de processos transnacionais” e “o papel desempenhado por migrantes e por suas práticas locais e transnacionais no re-escalonamento e re-estruturação de cidades” (Çaglar; Glick Schiller, 2006, tradução minha) demandam uma compreensão dos processos históricos que moldam (e constroem) a construção e reconstrução de localidades e regiões. Ao invés de considerar *a priori* os portugueses como minha unidade inicial de análise, centralizo a atenção em New Bedford e na política de nível local para explicar as relações entre globalização, escala de cidade e a incorporação de imigrantes.

Como Cwerner (2000, p. 335) perspicazmente notou, maior atenção tem sido oferecida às configurações espaciais do cosmopolitismo e da globalização do que à dimensão histórica da sociedade global. Interessada em realizar uma análise sensível ao tempo e ao espaço da globalização, delinco as continuidades e mudanças no posicionamento e papel desempenhado por transmigrantes portugueses e suas práticas locais e transnacionais de incorporação através do re-escalonamento e re-estruturação de New Bedford.³ Considerando a reposição das regiões e país de origem desses transmigrantes, examino também o impacto do reposicionamento de Portugal na economia política global, especialmente em decorrência de seu ingresso na Comunidade Econômica Europeia e as concomitantes mudanças nas condições de vida nas localidades e regiões portuguesas. Como veremos, desde meados da década de 1980, enquanto as localidades e regiões portuguesas beneficiaram-se de investimentos comunitários, New Bedford e a vizinha Fall River sofreram declínio econômico. Nos últimos dez anos, para além da drástica redução da migração portuguesa para a costa sul de Massachusetts, esses distintos reposicionamentos na economia política global estimularam parcerias culturais, educacionais e econômicas, facilitadas por influentes intermediários bilíngues e biculturais, em especial com os Açores.

Esses processos também nos ajudam a entender os modos pelos quais práticas fordistas e neoliberais coexistem em antigos centros manufatureiros,

³ Nesse sentido, Cwerner (2000, p. 331, tradução minha) sugere o conceito de cronopolitismo, o qual, de acordo com ele, “é desenvolvido como uma abertura teórica e ética que reconfigura a procura por uma comunidade política mundial no tempo e na história. É um passo que tem o objetivo explícito de estender as responsabilidades sociais e políticas para as gerações do passado, do presente e do futuro, bem como para a diversidade das histórias e ritmos que coexistem no presente global”.

como New Bedford e Fall River. Esclarecem ainda como essas duas cidades, que fazem parte da costa sul de Massachusetts, continuam interligadas às regiões e localidades portuguesas através dos campos sociais de imigrantes e das práticas incorporativas de intermediários biculturais. Acima de tudo, esses desenvolvimentos evidenciam as repercussões da remodelagem do Estado pós-colonial português e de suas práticas transnacionais nessa região, inclusive através da canalização de verba e doações para instituições locais e regiões americanas, como parte de sua política de cultura e investimentos.

Era uma vez uma cidade à vanguarda do capitalismo global

Outrora à vanguarda da economia global baleeira (1815-1860) e da indústria têxtil (1880-1925), New Bedford há muito luta para atrair manufaturas, indústrias de serviços e, mais recentemente, o turismo. Quando iniciei pesquisa de campo nessa “cidade baleeira” no final da década de 1980, os efeitos do breve milagre econômico de Massachusetts da década de 1970 ainda eram visíveis. As imponentes estruturas da antiga indústria têxtil estavam sendo ocupadas por fábricas baseadas no trabalho intensivo de imigrantes dos Açores e de Portugal continental. Mas muitas dessas fábricas estavam encerrando as suas atividades ou abandonando a cidade – resultado de terceirização – e, portanto, a produção estava sendo redirecionada para outros países. Concomitantemente, como parte de um padrão inter-relacionado na economia global, as indústrias de processamento de peixe estavam sendo incorporadas por companhias maiores, e o trabalho realizado alhures. Resumindo, as duas últimas décadas do século XX foram marcadas em New Bedford por um novo ciclo de desindustrialização.

Considerando que os trabalhadores portugueses estavam novamente confrontando o fechamento de indústrias, cortes de salários e desemprego, ao realizar o vídeo etnográfico *Saudade* (1991), optei por justapor memórias e imagens da longa greve de 1928 às cenas de uma outra greve, deflagrada em 1988 na Carol Cable, para sinalizar a incorporação de imigrantes portugueses no mercado de trabalho americano e suas mobilizações laborais. Essas duas greves marcaram, simbolicamente, mudanças de posicionamento, ou re-escalonamento, de New Bedford na economia global em diferentes conjunturas históricas. De fato, a greve de 1928 juntamente com a Grande Depressão é

invariavelmente lembrada pela população local em conexão com a decadência econômica da cidade. Enquanto os processos de desindustrialização começaram na localidade ainda em meados de 1920, um novo declínio da indústria manufatureira e da pesca, no contexto da crise econômica e fiscal de Massachusetts, nas últimas três décadas, reflete um outro re-escalonamento de New Bedford, numa conjuntura marcada pela flexibilidade de capital e trabalho, terceirização e, nesse sentido, pela atual re-estruturação neoliberal de cidades.

Ao dedicar atenção aos processos de re-estruturação de New Bedford e às mobilizações políticas e práticas transnacionais de migrantes, examino, através de dois eventos liminares, as transformações da cidade e as mudanças de posição dos portugueses na economia, política e cultura na localidade. O primeiro evento focaliza a formação, apogeu e queda do centro manufatureiro têxtil na região e suas repercussões locais. Conquanto a força de trabalho das indústrias têxteis fosse formada majoritariamente por trabalhadores europeus, a greve de 1928 expôs as clivagens existentes entre operários qualificados e os sem especialização, num período histórico em que os imigrantes tendiam a se mobilizar enquanto membros da classe operária. Concomitantemente, esse evento nos ajuda a entender as conexões entre as políticas de raça então predominantes e a localização dos portugueses no escalão inferior da força de trabalho imigrante, em grande parte devido à sua associação com os imigrantes de Cabo Verde. O segundo evento revela os processos que proporcionaram a mudança da imagem e da posição dos portugueses em New Bedford e cidades circunvizinhas, inclusive como sua história e folclore incorporaram-se ao patrimônio imaterial da cidade, numa conjuntura marcada pela inter-relação entre política de cultura e política de investimentos. Ambos os desenvolvimentos revelam mudanças na composição dos portugueses como um grupo em diferentes momentos históricos, alertando para o perigo de tomar o “grupo étnico” como dado e, portanto, de naturalizá-lo.

A formação de um centro manufatureiro têxtil (1880-1925), a longa greve de 1928 e o reposicionamento de uma cidade de imigrantes

New Bedford foi o mais importante porto baleeiro dos EUA no século XIX. Suas expedições baleeiras, baseadas no trabalho de tripulantes açorianos e cabo-verdianos, declinaram quando o óleo da baleias foi substituído pelo

petróleo. Deixando de ser lucrativas, mercadores locais transferiram seu capital para a formação de uma indústria têxtil, permanecendo no exercício do poder econômico e político da região.

Diferentemente de outras cidades têxteis da Nova Inglaterra que fabricavam tecidos rústicos, as indústrias de New Bedford especializaram-se em tecidos de alta qualidade. Evitaram, assim, a competição das tecelagens do Sul do país, as quais, dada a ausência de leis laborais, já no início do século XX, se valiam de uma mão-de-obra mais barata e tecnologia avançada. Podiam, portanto, oferecer melhores preços do que as indústrias da Nova Inglaterra. Por isso, naquela época e, novamente, após a Segunda Guerra Mundial, inúmeras fábricas têxteis abandonaram a Nova Inglaterra em direção ao sul (Boss; Thomas, 1983).

As tecelagens da Nova Inglaterra recrutaram uma mão-de-obra composta por imigrantes europeus, classificados genericamente em termos de sua nacionalidade e diferenciados conforme as suas qualificações. Assim, operários ingleses e irlandeses se diferenciavam por sua alta qualificação das massas dos operários de outras nacionalidades, como portugueses (continentais, açorianos e madeirenses), cabo-verdianos (que faziam então parte da colônia portuguesa), poloneses (designação que englobava todos os migrantes oriundos da Europa do Leste), sírios (denominação usada para os imigrantes do Oriente Médio), franco-canadenses e italianos, entre outros. Mas somente em finais do século XIX os portugueses e outros trabalhadores do Sul e Sudeste da Europa começaram a migrar em grande número como mão-de-obra barata para a economia têxtil da região. Por volta de 1910, os portugueses já constituíam 40% do operariado têxtil de New Bedford. Estimativas existentes ainda sugerem que, na década de 1930, 80% eram operários têxteis, enquanto somente 15% eram constituídos por profissionais e gente do comércio.⁴

Esses primeiros contingentes eram formados principalmente por famílias de pequenos proprietários agrícolas, lavradores sem terra e artesãos que procuravam escapar da miséria num período de grande declínio econômico em Portugal. Há indicações de que inicialmente a maioria desses imigrantes se dedicou às atividades agrícolas e artesanais, adquirindo, quando possível, parcelas de terra nos arredores da cidade. Embora houvesse estratificação social

⁴ Estatísticas publicadas em *Os portugueses em New Bedford* (1932).

entre os portugueses, aqueles que permaneceram em New Bedford foram profundamente atingidos – como tantos outros moradores da localidade – pelo declínio da indústria têxtil e a subsequente e longa depressão econômica na região.

Na virada do século XX, New Bedford já era o maior produtor de tecidos de alta qualidade nos Estados Unidos. O trabalho nas indústrias têxteis levou à formação de dois bairros multiétnicos na cidade, onde a vida cotidiana era marcada pela constante interação entre imigrantes de diferentes nacionalidades. Entretanto, na fábrica, os ingleses e os irlandeses e, em certa medida, os franco-canadenses, posicionavam-se no topo da hierarquia. Mesmo após os portugueses constituírem o maior contingente de trabalhadores das fábricas locais, os ingleses controlavam os sindicatos de ofícios e os empregos qualificados. Os franco-canadenses, que tendiam a obter os empregos qualificados remanescentes, também se beneficiaram na política local. Comparativamente, os portugueses e os cabo-verdianos conseguiram conjuntamente menos de 10% das tarefas que requeriam qualificação e não tinham sequer acesso aos sindicatos e à política local. Estigmatizados, desde a era baleeira, pela alcunha de “Black Portugee”, devido à sua associação com os cabo-verdianos, a eles eram alocados os piores trabalhos. Especialmente os cabo-verdianos ficavam confinados num setor conhecido como o “departamento da escravidão das tecelagens” (Georgeanna; Aarosan, 1993).

Os ingleses e os irlandeses formaram seus próprios sindicatos de ofícios, o Textile Council (TC). Sua liderança estava consolidada no poder desde 1901, quando os sindicatos têxteis formaram o United Textile Workers, uma afiliada da American Federation of Labor (AFL). Desde o começo do século XX, membros do TC eram sistematicamente eleitos para posições na cidade de New Bedford e no estado de Massachusetts e, em 1918, formaram o Labor Party. Após 1893 – ano em que organizaram uma grande greve – suas relações com os administradores das fábricas se tornaram bastante amistosas. Em comparação, a maioria dos operários têxteis de outras nacionalidades não era sindicalizada. Formada por homens, mulheres e crianças, essa mão-de-obra sem qualificação e mal remunerada confrontava condições difíceis de trabalho e tarefas monótonas e longas – seis dias semanais, com turnos diários de dez a 12 horas (Georgeanna; Aaronson, 1993, Reeve, 1997).

Embora tivesse encontrado um nicho na produção de tecidos de alta qualidade, a indústria têxtil local voltou-se à fabricação de produtos para os

uniformes militares devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial. A indústria lucrou bastante com o *boom* dos tempos de guerra. As vendas mais do que quadruplicaram, os lucros setuplicaram, e a população local atingiu cem mil pessoas (Wolfbein, 1944). Entretanto, após o término da guerra, “as tecelagens começaram a acumular estoques ao invés de lucros [...] e os patrões começaram a se retirar da produção têxtil”, deixando de investir em equipamentos, embora suas máquinas estivessem ultrapassadas. (Georgeanna; Aarson, 1993, p. 44-45, tradução minha). Ao invés, vários decidiram transferir seus investimentos e produção para o Sul do país.

Após o colapso do mercado de tecidos no início da década de 1920, milhares de trabalhadores foram despedidos e a produção de tecidos parou. Quando as fábricas reabriram, os salários foram diminuídos. Mas o TC conseguiu negociar uma diminuição salarial de 20%, ao invés do proposto corte de 30% nos salários. Os anos subsequentes foram ainda mais difíceis e, em 1927, um excedente de produção reduziu os preços de atacado dos produtos de algodão a níveis baixíssimos (Georgeanna; Aarson, 1993, p. 51). Um ano depois, o patronato anunciou um corte salarial de 10%.

Além de descontentar o operariado, essa notícia violava um pacto entre as indústrias e o TC, segundo o qual cortes salariais seriam comunicados com antecedência aos líderes sindicais. No princípio de 1928, os trabalhadores iniciaram uma greve que se arrastaria por seis meses. Os líderes do TC tinham o apoio do clérigo, da comunidade comercial e da mídia local. E as massas de trabalhadores sem qualificação se tornaram “a maior força da greve”.

Mas esses trabalhadores mal remunerados, não pertencentes aos sindicatos de ofícios – portugueses, cabo-verdianos e poloneses, entre outros – posicionaram-se com um sindicato de esquerda, o Textile Mill Committes (TMC), cujos representantes tinham vindo a New Bedford a fim de desafiar o TC. Alguns portugueses, ex-líderes sindicais em Portugal e que haviam lutado contra o fascismo em sua terra natal, apresentaram os recém-chegados do TMC aos operários portugueses e os ajudaram a distribuir panfletos. De acordo com a análise cuidadosa de Georgeanna e Aarson (1993, p. 83-84, tradução minha):

O TMC rapidamente transformou a alienação e a frustração dos trabalhadores sem qualificação que tinham sido excluídos dos sindicatos de ofícios em um entusiasmo sem rival em greves anteriores. Piquetes diários, reuniões,

demonstrações e “cozinhas de sopa” criaram excitação, propósito e unidade nas comunidades portuguesas e polonesas. Milhares participaram dos piquetes diários organizados para educar e entreter. O TMC concentrou seus esforços nos bairros imigrantes, localizados ao redor das tecelagens nas pontas norte e sul da cidade, e deixou a área central, onde os industrialistas viviam e o comércio reinava, para o Textile Council. Os organizadores iam às casas das pessoas para encorajar a participação. Famílias organizavam piquetes como grupos – mulheres com bebês em seus braços, crianças e jovens caminhando.

Sob a liderança do TMC, grevistas reivindicaram aumento salarial de 20%, 40 horas semanais, salário igual para trabalho igual, o fim da aceleração no trabalho, não discriminação a sindicalistas e o fim do trabalho infantil. Em seu testemunho, Eula Mendes, uma militante portuguesa, relembra:

Queríamos um sindicato que recebesse todos os trabalhadores têxteis. Ao invés de um sindicato de ofício, queríamos um tipo de sindicato industrial e isso era progressista porque, naquele tempo, a maioria dos sindicatos era sindicato de ofício. Toda a ideia era para todos os trabalhadores têxteis de uma fábrica pertencerem a um sindicato e todos trabalhadores têxteis pertencerem a um único sindicato têxtil. (Georgeanna; Aarson, 1983, p. 83, tradução minha).

Nas histórias orais por mim coletadas, antigos trabalhadores portugueses da indústria têxtil invariavelmente recordam como o seu passado rural e as hortas cultivadas os ajudaram a enfrentar tempos difíceis. Essas histórias indicam que os grevistas se apoiavam em redes de parentesco e de comunidade, sociedades de ajuda mútua e na estratégia de alguns membros da família procurarem trabalho em outras cidades como uma forma de ajudarem na economia doméstica. Essa organização social contava com as doações de leite, pão e peixe dos portugueses que eram padeiros, pescadores e proprietários de fazendas de gado leiteiro para o centro de operações do TMC. Essas lembranças incluem histórias sobre piquetes de greve e as canções que os grevistas cantavam em inglês e português durante a greve e, até mesmo, na prisão.

Após seis meses, o patronato tentou terminar a greve em seus próprios termos, reabrindo as fábricas e mantendo o corte salarial de 10%. Os líderes do TC e os donos das fábricas tentaram alienar o TMC das negociações seguintes. Muitos operários foram aprisionados e alguns inclusive deportados. O caso de Augusto Pinto, preso e condenado 22 vezes durante os piquetes,

foi o mais dramático: liberado pela Corte Suprema americana, o Serviço de Imigração dos Estados Unidos o colocou num navio para Lisboa. Ao chegar, a ditadura portuguesa decidiu aprisioná-lo em Cabo Verde. Segundo boatos, ele morreu durante a viagem.

A maioria dos operários têxteis voltou aos antigos postos depois da greve. No entanto, um ano depois, confrontaram a Grande Depressão, o desemprego e a pobreza. Entre 1929 e 1934, 16 das 35 tecelagens operando na cidade fecharam suas portas permanentemente. As condições econômicas se deterioraram não só em New Bedford, mas em todos os Estados Unidos.

A greve e a Grande Depressão marcaram os processos que alteraram a posição de New Bedford, em nível regional e nacional. Como tantas outras cidades têxteis, New Bedford não recuperou sua posição de proeminência nos Estados Unidos nem sequer em Massachusetts. A greve também marcou uma incorporação maior dos portugueses e descendentes nos movimentos sindicalistas locais e nacionais, especialmente no setor identificado com a classe operária internacional, mesmo que a re-estruturação da economia local dificultasse a obtenção de trabalho na cidade.

Com o declínio da indústria têxtil e a Grande Depressão, a migração de retorno de New Bedford e de outras cidades da Nova Inglaterra para regiões de Portugal foi relativamente alta. Muitos imigrantes retornaram à sua terra natal com suas famílias, o que em muitos casos incluía filhos nascidos nos EUA; outros deixaram seus filhos casados nos Estados Unidos, retornando à terra natal com os filhos mais novos, nascidos nos EUA ou em Portugal. Mesmo entre as décadas de 1930 e 1950, quando as políticas restritivas de imigração, baseadas no sistema de quotas, somente consentiam a entrada anual de 500 portugueses, os que obtiveram a cidadania americana ou haviam nascido nos EUA continuaram a se movimentar entre os dois países, algumas vezes trazendo seus cônjuges portugueses.⁵ Igualmente, dado o declínio da economia têxtil da região da Nova Inglaterra, filhos deixados para trás nos Estados Unidos eventualmente retornaram a Portugal. Outros mudaram para

⁵ Entre 1917 e 1924, os Estados Unidos instituíram uma série de leis restritivas à imigração. O aspecto mais controverso se referia à exclusão de todos “estrangeiros acima de 16 anos de idade que não sabiam ler a língua inglesa”. O Ato de 1924 estabelecia o sistema de quotas por origem nacional, que severamente restringiu a entrada de migrantes do Sudeste e Leste europeu que desde a década de 1890 haviam se estabelecido em grande número nos Estados Unidos. Essa lei manteve as proibições anteriores no que concerne à entrada de imigrantes do Leste da Ásia e da Índia.

outras regiões americanas, particularmente para a Califórnia e Nova Jérsei, onde parecia haver maiores possibilidades de trabalho.

Aqueles que permaneceram em New Bedford enfrentaram tempos difíceis. Muitos mantiveram contato com seus familiares na terra natal, enviando dinheiro ou roupas, quando possível. Para inúmeros imigrantes, as representações simbólicas e práticas sociais associadas ao passado anterior à imigração proporcionavam a sua autoexpressão. Nas décadas de 1920 e 1930, juntamente com a proliferação de associações voluntárias regionais e de sociedades de ajuda mútua, imigrantes estabeleceram escolas portuguesas. Programas de rádio e seis grupos teatrais portugueses também foram formados. Um desses grupos, o mais radical, o Grupo Dramático Popular ligado à Aliança Liberal em Portugal, resultou do envolvimento dos portugueses na longa greve de 1928 e da luta antifascista em Portugal.

Diante dos nacionalismos territorializados daqueles tempos, imigrantes e descendentes foram continuamente confrontados com a necessidade de escolher entre continuarem portugueses ou se tornarem cidadãos americanos e se assimilarem. De um lado, o nacionalismo português, fundamentado na supremacia da raça lusa, demandava a manutenção exclusiva da cultura, nacionalidade e língua portuguesa. Por outro lado, histórias orais sugerem que as pressões das campanhas de “americanização” exerciam um efeito potente nos descendentes de imigrantes, permitindo um distanciamento da identidade portuguesa que, nos Estados Unidos, os racializava como “não brancos”. Para evitar discriminação, particularmente o estigma de “Black Portugee”, luso-americanos tendiam a “passar” para a cultura americana, embora retendo, em muitos casos, a língua e as tradições portuguesas. Muitos, mas não todos, casaram com pessoas de outros grupos imigrantes e, em certa extensão, se derreteram no *melting pot*. Ao mesmo tempo, a americanização proporcionava possibilidades de mobilidade política, social e econômica nos Estados Unidos. Em suma, aqueles que permaneceram em New Bedford e cidades circunvizinhas experimentaram um processo de incorporação gradual na cidade, sendo que luso-descendentes ganharam posições influentes na localidade e no movimento sindical.

A imigração recomeçou em 1958 com o Ato de Refúgio Açoriano, por ocasião de erupção vulcânica na ilha do Faial. Durante as três décadas seguintes, contingentes de imigrantes (dos Açores, Portugal continental e Cabo Verde) continuaram a se dirigir à cidade. Esses recém-chegados confrontaram

um novo regime industrial de fábricas de trabalho intensivo. Políticas governamentais americanas estimulando a migração em cadeia possibilitaram a inúmeras famílias que se reunissem na Nova Inglaterra, reforçando a estratégia familiar de escolher cônjuges para seus filhos na terra natal. Além do mais, a tendência das fábricas locais de adotarem estratégias paternalistas na contratação de parentes de seus trabalhadores resultou na formação de uma força de trabalho composta majoritariamente por mulheres e homens portugueses. De fato, até finais da década de 1980, quando inúmeras companhias começaram a encerrar suas fábricas locais, era frequente encontrar imigrantes e seus parentes trabalhando numa mesma fábrica por mais de 15 ou 20 anos. Mas, na fábrica, a promoção somente tendia a se tornar factível para aqueles que sabiam falar inglês. Enquanto muitos operários imigrantes somente falavam o português, supervisores e representantes sindicais eram bilíngues.

Similarmente às antigas gerações de trabalhadores, imigrantes de origem rural reconstruíam práticas sociais associadas ao seu passado agrícola – hortas, o fazer do vinho, costura, bordados e festas folclóricas –, uma forma de enfrentar a monotonia do trabalho industrial. Se durante o turno de trabalho eram operários, em seu tempo livre continuavam camponeses e artesãos. Assim que podiam, compravam uma casa com um grande quintal, para o cultivo de uma horta e a criação de animais. Através desses símbolos e práticas sociais reconstituíam a portugalidade nos bairros étnicos e, ao mesmo tempo, ajudavam a renová-los. Mantendo a cidade através de seu trabalho e investimentos nos bairros e pequeno comércio, esses migrantes também se tornaram agentes da revitalização urbana. E, certamente, esses contingentes que se fixaram em New Bedford entre as décadas de 1950 a 1980 se mostraram conscientes de seu papel na renovação de edifícios dilapidados e na promoção de uma certa efervescência no comércio local, inclusive através de lojas e restaurantes étnicos.

Esses novos imigrantes portugueses mantiveram laços familiares transnacionais. Concomitantemente, investiram em aposentadorias nos EUA para obterem acesso às pensões, seguro social e Medicare, sistemas aos quais contribuíram através do pagamento de impostos. Em muitos casos, essa estratégia tendeu a protelar, indefinidamente, os planos de regresso à Portugal.

Entretanto, a chegada desses novos contingentes resultou em clivagens entre luso-descendentes e os novos imigrantes, acentuando ainda as divisões regionais. Também aumentou a discriminação contra os portugueses. Nesse

contexto, um estupro que ocorreu em 1983, numa mesa de bilhar de uma taverna de má fama, conhecido como “o caso Big Dan”, e cujos protagonistas (vítima, réus e promotora) eram imigrantes e luso-descendentes, expôs os diferentes códigos culturais sobre gênero e trouxe à baila a existente (e subjacente) discriminação e xenofobia contra os portugueses. Exacerbado pela mídia, esse caso envolveu e dividiu diferentes setores da população local num confronto aparente entre uma emergente conscientização sobre a questão do abuso sexual e uma progressiva mobilização de populações organizadas etnicamente. O caso Big Dan se tornou um campo de batalha numa conjuntura histórica na qual o multiculturalismo estava gradativamente se transformando em discurso hegemônico nos Estados Unidos e a política baseada nas relações de classe estava sendo substituída pela política do cotidiano.

New Bedford recebeu a alcunha de “Portuguese gang rape capital of America” (a capital da gangue de estupradores portugueses da América). Por conseguinte, a cidade e os imigrantes portugueses foram igualmente retratados pejorativamente pela mídia local, nacional e até mesmo internacional. Esse caso marca a mudança de posicionamento da localidade na economia política global da “mais próspera cidade baleeira do mundo” para uma decadente cidade de imigrantes “bizarros” e “perigosos”. A revitalização incipiente da cidade levada a cabo pelos imigrantes portugueses, que contribuiu, facilitou e tornou visível a reconstituição da identidade portuguesa, não tinha ainda sido reconhecida. Esse reconhecimento só começou a ocorrer no contexto de visíveis transformações em Portugal e New Bedford, provocadas pela re-estruturação do capital e da migração.

As mudanças de posicionamento de New Bedford na economia política e as mudanças de posicionamento dos luso-americanos na cidade

Como vimos, desde os finais da década de 1950, com a renovação da imigração de Portugal continental e dos Açores, bem como do arquipélago de Cabo Verde, os trabalhadores de New Bedford continuaram sendo majoritariamente de origem portuguesa. A força de trabalho da Carol Cable não constituía exceção. A Carol Cable era uma das inúmeras fábricas que se beneficiaram da nova imigração e que, depois, tiveram de confrontar o fato de que as mesmas forças que as trouxeram para New Bedford as levavam à transferência para

outros lugares do mundo, onde as condições de lucro eram maiores. Em suas reuniões, os trabalhadores dessa fábrica se mostraram atentos a esse padrão global. Ao mesmo tempo, somente cinco anos após o caso Big Dan, que trouxe à tona revoltas contra a recorrente xenofobia de que eram alvos, percebiam a tentativa da companhia para impor cortes salariais e o cancelamento de seguro de saúde dos trabalhadores como “discriminação contra os portugueses”. Transformando a sua mobilização de classe em mobilização étnica, clamavam que seus salários já eram mais baixos do que os de trabalhadores de outras fábricas da companhia situadas em outras localidades. Finalmente, os trabalhadores venceram, mas um ano depois da eclosão da greve a companhia fechou sua fábrica de New Bedford. Desde então, e crescentemente após a criação em 1993 do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio – ou Nafta, inúmeras fábricas fecharam suas operações na cidade.

Esses processos de re-estruturação econômica se estenderam por todo o estado. A criação do Nafta levou à perda de um total estimado de 17 mil empregos em Massachusetts, entre 1993 e 2000 (Trade unionists..., 2001). No decorrer da década de 1990, o impacto do Nafta sobre as indústrias de confecções da localidade causou um declínio dramático de 55,1% no número de empregos fabris, de 20.528 em 1985 para 9212 em 1999 (Barrow; Borges, 2001). O total de perdas de empregos no setor manufatureiro local foi ainda maior, chegando a 61%, caso seja considerado um período de 20 anos, de 1985 a 2005 (Sá; Borges, no prelo). Várias regiões do estado enfrentaram as mudanças estruturais globais através da diversificação de suas economias locais e (ou) pela atração de indústrias de alta tecnologia. Mas New Bedford e a vizinha Fall River continuaram demasiadamente dependentes das formas antigas de produção industrial e de pesca. Na década de 1990, a comercialização da pesca também diminuiu devido à alteração das leis regulamentando a pescaria, e a força de trabalho foi reduzida (Georgeanna; Schrader, 2008).

Consequentemente, em 1995 o estado de Massachusetts designou New Bedford uma área “economicamente de calamidade pública”, após um relatório elaborado pelo Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano ter considerado a cidade “duplamente exaurida” pela perda de população e por altos índices de desemprego e de pobreza. A população ativa diminuiu, de 65% em 1985 para 50% em 2001, quando a localidade foi classificada em 348º lugar entre as 351 municipalidades de Massachusetts, em termos de renda.

(Barrow; Borges, 2001) Esses sinais marcam com nitidez o re-escalonamento de New Bedford.

Como tantos outros trabalhadores mundo afora, a classe operária local foi forçada a confrontar a re-estruturação do capitalismo global e o “trabalho flexível”, sem segurança a longo prazo, benefícios, sindicatos ou procedimentos para queixas e reparações. Inúmeros cidadãos locais começaram a buscar alternativas de vida. A população diminuiu de 99.222 em 1990 para 93.768 habitantes no ano de 2000. Enquanto muitos portugueses decidiram migrar para outras regiões dos Estados Unidos, especialmente para a Flórida, com custo de vida supostamente mais baixo, outros optaram pelo retorno à terra natal, considerando a melhoria das condições econômicas após o ingresso de Portugal na Comunidade Europeia.⁶

Para aqueles que permaneceram na cidade, a indústria de serviços em expansão, em conjunto com a decadente indústria manufatureira, constituíam os maiores empregadores. Os que perderam seus trabalhos nas fabricas locais, devido ao Nafta, obtiveram o direito de treinamento, inclusive aprendizado de inglês, para exercerem outras capacitações. A maioria começou a procurar trabalho no setor de serviços da cidade e região circunvizinha.⁷ Aparentemente, a maioria dos homens adentrou ocupações manuais – especialmente na construção civil, enquanto as mulheres se empregavam em escritórios, hospitais e, ainda, no serviço social e no cuidado de crianças e idosos (Sá, 2008).

Por conseguinte, os trabalhadores portugueses, como outros em diferentes partes do mundo, ficaram expostos à maior vulnerabilidade econômica em ocupações que requerem a flexibilização do trabalho e que não oferecem sequer estabilidade ou benefícios sociais. Entretanto, de um modo aparentemente paradoxal, esses portugueses melhoraram suas posições dentre o operariado local. Dada a drástica redução da migração açoriana e continental para a Nova Inglaterra, novos contingentes da América Latina e do Caribe, radicados na cidade, passaram a ocupar os trabalhos que não requeriam qualificação nas manufaturas remanescentes e nas indústrias de processamento pesqueiro.

⁶ Agradeço ao Prof. Dr. Onésimo Teotônio de Almeida por essa informação.

⁷ Há indicações que, com o declínio das manufaturas, o setor de serviços se transformou no maior empregador no município. Entretanto, manufaturas e varejo continuam importantes empregadores na cidade. Também a alta tecnologia se tornou uma indústria crítica, e segundo relatórios mesmo manufaturas tradicionais têm introduzido processos computacionais (Barrow; Borges, 2001).

Tendo em vista que a maioria dos novos contingentes oriundos da Guatemala, México e Nicarágua e, em menor extensão, Brasil, é constituída por migrantes indocumentados, esses trabalhadores formaram uma “subclasse” explorada pelos patrões e exposta às políticas restritivas de imigração do pós-11 de setembro. São esses trabalhadores as vítimas das batidas dos agentes da segurança nacional às fábricas locais. A ferocidade dessas “batidas” em New Bedford e as prisões e deportações sem possibilidade de processos ou apelações ganharam atenção nacional nos Estados Unidos.

Essa nova legislação, caracterizando imigrantes como ameaça à segurança nacional, começou a ser implementada nos Estados Unidos em 1996, cinco anos antes do malfadado 11 de setembro. Além de restringir acesso aos benefícios sociais, a nova lei tornou imigrantes que cometiam pequenas infrações suscetíveis à deportação, mesmo se casados com cidadãos americanos ou se progenitores de filhos nascidos nos Estados Unidos. Nessa época, sob a liderança do Centro de Assistência ao Imigrante de New Bedford (formado pelos portugueses, com verbas federais americanas), vários programas foram estabelecidos para proporcionar serviços aos deportados e suas famílias, bem como reforçar a cooperação e trocas de informações entre autoridades governamentais da Nova Inglaterra e dos Açores.⁸ Ademais, almejando contornar as restritivas leis de imigração, lideranças biculturais iniciaram, ainda em 1997, extensa campanha de “naturalização” para assegurar que os imigrantes portugueses nos Estados Unidos tivessem voz política e acesso aos benefícios sociais americanos. Essas campanhas de naturalização se justapuseram à política da dupla nacionalidade e cidadania promovida pelo Estado pós-colonial português. Essa política enfatiza a incorporação de portugueses no exterior e o seu papel enquanto “representantes de Portugal” nos países e localidades de fixação. Consequentemente, o mote “para ser um bom português, é necessário ser um bom americano”, utilizado por lideranças luso-americanas na campanha de americanização da década de 1930 visando persuadir imigrantes a solicitarem cidadania americana e se assimilarem na sociedade americana, foi

⁸ Deportações por pequenas infrações continuam a constituir uma questão dramática entre os portugueses da costa sul de Massachusetts, particularmente no que concerne aos inúmeros casos de deportação de jovens açorianos que emigraram crianças para os Estados Unidos e não obtiveram cidadania americana. Essas deportações são examinadas por Miguel Moniz (2004).

redefinido pelo presidente Mário Soares, durante uma visita realizada à Nova Inglaterra em 1987, com o propósito de estimular o biculturalismo.

Como parte desses esforços, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (Flad – instituição privada e financeiramente independente criada pelo governo português em 1985 para promover as relações entre Portugal e os Estados Unidos, almejando com este intercâmbio “contribuir para o desenvolvimento de Portugal, através do apoio financeiro e estratégico a projetos inovadores e através do incentivo à cooperação entre a sociedade civil portuguesa e a americana” – aderiu à “Campanha de Naturalização”.⁹ Em 1999 lançou o Portuguese-American Citizenship Project, para promover a cidadania e o envolvimento cívico das comunidades luso-americanas.¹⁰ Esses empreendimentos têm resultado em aumento da representação de cidadãos de ascendência portuguesa em cargos públicos na Nova Inglaterra. Presentemente, sete dos 11 vereadores de New Bedford são descendentes de portugueses e uma oitava, viúva de um vereador português, ainda retém o sobrenome do marido. Imigrantes portugueses e luso-descendentes também compõem o comitê escolar e o comitê eleitoral da localidade. Mas nem todos estão envolvidos com a política étnica.

Nesse sentido, torna-se importante observar que, embora a maioria dos membros dos sucessivos contingentes de açorianos e continentais que se radicaram em New Bedford e cidades vizinhas entre finais da década de 1950 e 1980 tivesse iniciado suas vidas como trabalhadores fabris ou pescadores, houve entre eles um processo gradual e diferencial de mobilidade social e incorporação desigual. Muitos conseguiram aposentadorias nos Estados Unidos e, assim, acesso à estrutura americana de benefícios sociais. Também, pelo menos desde a década de 1970, filhos de imigrantes conseguiram estudar nos Estados Unidos. Muitos dos que conquistaram um diploma universitário começaram a servir como intermediários culturais entre os imigrantes e as instituições americanas. Esses intermediários se beneficiaram das ideologias multiculturalistas em vigor e de seu bilinguismo e biculturalismo para galgar posições em estrutura governamentais locais ou no sistema educacional bilíngue regional ou, ainda, nas instituições portuguesas criadas na década de 1970

⁹ De acordo com a missão da Flad na sua página na internet (www.flad.pt).

¹⁰ De acordo com um influente intermediário cultural, o projeto da Flad ajudou a estruturar a campanha em diferentes regiões dos Estados Unidos.

com a ajuda de verbas americanas na localidade e região (Feldman-Bianco, 1992). Outros abriram seus próprios estabelecimentos comerciais ou se tornaram profissionais em diversos campos de especialização. E, embora em menor número, há também os que se tornaram milionários (Sá, 2008).

Nesse cenário, os portugueses – caracterizados ainda no começo da década de 1970 como uma “minoría invisível” e um “caso de desaparecimento étnico” (Smith, 1974) – parecem ter melhorado a sua localização estrutural como um grupo étnico em New Bedford, inclusive no campo da política institucional. Esse avanço é resultado de vários fatores, incluindo a drástica redução da migração do continente e dos arquipélagos dos Açores e Madeira, a gradual incorporação desigual de imigrantes e seus descendentes na localidade e na região, os processos resultantes da mobilidade social ascendente e da suburbanização e o fato de que, pela primeira vez em mais de um século, os mais recentes contingentes de imigrantes que se radicam na localidade não são portugueses. Acima de tudo, deve-se considerar a mudança de posição do Estado português na economia global e o crescente papel desempenhado por um nacionalismo de longa distância acionado por intermediários biculturais e bilíngues para mudar a imagem de Portugal e dos portugueses nas cidades da Nova Inglaterra. Esse processo foi iniciado ainda em 1985, quando do ingresso do Estado pós-colonial português no espaço comunitário europeu (Feldman-Bianco, 2001).

Ao reconhecer a diáspora enquanto parte da nação, o Estado português proporciona aos emigrantes e descendentes direitos de dupla nacionalidade e de cidadania – direitos esses que se tornaram recursos preciosos em localidades como New Bedford. Inicialmente, as autoridades governamentais portuguesas delimitaram acesso diferencial às associações diaspóricas em seus diálogos e negociações com o Estado português criando, inclusive, um Conselho Mundial das Comunidades Portuguesas. Entrementes, desde a regulação de fronteiras realizada em 1991 no âmbito de Schengen e particularmente após a formação da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), autoridades governamentais têm acionado suas políticas de emigração em prol de suas políticas de cultura e investimentos. Pautados na incorporação dos emigrantes na remodelagem de uma nação transnacional e na redefinição de suas relações com antigas colônias, representantes governamentais e intelectuais reinventaram a “vocalização atlântica e universal” de Portugal como uma forma de reconstruir seu papel de intermediação na economia global e, assim, negociar sua posição

no espaço comunitário europeu (Feldman-Bianco, 1995a, 2001). Através de ações combinadas dos ministérios de Negócios Estrangeiros, da Cultura e da Economia, o governo construiu uma indústria de informações, atrelando a promoção do patrimônio cultural português às suas políticas de investimentos e turismo. Como parte desses esforços, autoridades governamentais portuguesas têm reforçado seu relacionamento com os afluentes e influentes da diáspora capazes de galgarem posições de poder nas localidades e países de fixação, bem como de desempenharem intermediação em prol das políticas portuguesas de cultura e investimentos. Com esse espírito, o Estado português criou o Instituto Camões, encarregado de disseminar a cultura ancestral de Portugal no mundo através de atividades que incluem exposições do longínquo passado das explorações marítimas (Feldman-Bianco, 2001, 2007). Por conseguinte, a atuação da Flad deve ser entendida tanto em relação ao nacionalismo de longa distância do Estado português quanto aos esforços dos afluentes e influentes portugueses e luso-americanos para aumentarem seu poder político como um grupo étnico na política americana.¹¹

Como vimos, luso-americanos e imigrantes que conseguiram mobilidade social sistematicamente se empenharam em obter acesso político, econômico e social nos Estados Unidos. Mas, no passado, a escolha que se apresentava era entre serem parte de uma minoria estigmatizada e racializada ou, então, assumirem publicamente uma identidade americana, mesmo que retendo, em muitos casos, a língua e tradições portuguesas. Posteriormente, na década de 1970, em seus esforços para se estabelecerem como parte da maioria – e não como uma “minoria” –, os afluentes e influentes decidiram não participar do Programa de Ação Afirmativa. Assim, tentaram se distanciar de um *status* minoritário racialmente demarcado – um caminho seguido, por exemplo, pelos imigrantes cabo-verdianos após a independência de Cabo Verde. Entrementes, nas últimas duas décadas, novas gerações de imigrantes e luso-descendentes que galgaram mobilidade social se uniram ao já estabelecido estrato de descendentes dos mais antigos contingentes portugueses, alguns dos quais já haviam reconstruído a sua portugalidade quando as políticas americanas abandonaram a ênfase na assimilação em favor de ideologias multiculturalistas.

¹¹ Para uma definição de nacionalismo de longa distancia, consultar Glick Schiller e Fouron (2001).

Enquanto, no passado, as possibilidades de ascensão social e poder político demandavam a rejeição ou invisível identidade e ancestralidade portuguesa, desde a década de 1980 iniciou-se um processo inverso. Isso pode ser ilustrado pela formação de organizações como a Prince Henry Society, uma espécie de Rotary Club, composta por profissionais liberais, industriais e comerciantes imigrantes e luso-americanos – uma das primeiras associações a reunir açorianos, madeirenses, continentais e luso-americanos. Desde a sua formação em 1980, essa associação tem como objetivo desempenhar papéis políticos, sociais e econômicos na região. Com esse intuito, tem sistematicamente investido na memória histórica das descobertas e na promoção da (alta) cultura portuguesa. Ao invés de uma obsessão com o seu passado histórico e cultural, essas atividades enaltecem a posição de seus membros como representantes de Portugal na Nova Inglaterra e, concomitantemente, visam mudar a imagem do país na região, bem como a dos portugueses enquanto camponeses envolvidos em festivais folclóricos religiosos.

Como parte desse projeto político e cultural, o Center for Portuguese Studies and Culture foi formado em meados da década de 1990 na Universidade de Massachusetts Dartmouth por uma nova geração de docentes de origem portuguesa, contratados pela instituição. Esse centro desempenhou um proeminente papel na mudança da imagem portuguesa na região através da multiplicidade de programas e atividades educacionais e culturais incluindo programas de verão para o ensino de português; o estabelecimento de um Departamento de Português; publicações de traduções, em inglês, de obras literárias e científicas; a organização de seminários e conferências com renomados intelectuais portugueses; a criação de uma cátedra, a formação de arquivos documentais da história dos portugueses nos EUA; e o lançamento de um novo Programa de Pós-Graduação em Estudos Luso-Afro-Brasileiros. Indicativos dos campos e práticas transnacionais que caracterizam a região, os programas acadêmicos e o centro têm recebido apoio financeiro do estado de Massachusetts, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e inclusive de Portugal. Além disso, através de coleta de doações, o centro recebe apoio financeiro de imigrantes e luso-americanos afluentes da Nova Inglaterra e até da Califórnia para as suas atividades. A Universidade de Massachusetts Dartmouth é uma das principais instituições do Sudeste de Massachusetts que proporciona acesso à educação superior a sucessivas gerações de imigrantes portugueses e descendentes. Operando em consonância com as políticas

do Estado pós-colonial português, e com o Portuguese-American Citizenship Project, o centro e o novo programa de pós-graduação descortinam novas possibilidades para estudantes dos Estados Unidos e do exterior, independentemente de suas origens nacionais e étnicas. Esse programa, por sua vez, tem aprimorado a imagem da própria universidade.

Portugueses e luso-descendentes que galgaram trajetórias de sucesso têm feito uso de seus campos sociais e práticas transnacionais, atuando como intermediários para a sua terra natal e para as localidades e região de fixação nos Estados Unidos.¹² Alguns desses intermediários transnacionais se envolveram com os “esforços conjuntos do governo local em parceria com os governos estadual e federal, organizações de cidadãos e comerciantes, agências sem fim lucrativo e instituições de educação superior com relação à implementação de políticas de desenvolvimento econômico” para enfrentar, nas palavras do prefeito de New Bedford, “os desafios do século XXI” (Lang, 2007, tradução minha).

Em 1995, no mesmo ano em que a municipalidade foi considerada “uma área de calamidade pública”, formou-se um conselho de desenvolvimento econômico, o New Bedford Economic Development Council (NBEDC), como parte dos esforços de revitalização econômica. Constituído através de parceria pública e privada, seu objetivo é proporcionar liderança e coordenação para iniciativas de desenvolvimento econômico; servir como contato comercial para a prefeitura; proporcionar oportunidades financeiras e educacionais para criar e reforçar as ações de desenvolvimento econômico na Grande New Bedford. Também, similarmente às estratégias adotadas por outras cidades, estados e nações (como Portugal) numa era de capitalismo flexível e projetos neoliberais, o governo local, visando a recuperação econômica da cidade, investiu em uma zona de livre comércio e turismo. Esforços para atrair turismo levaram à criação, em 1996, de um há muito desejado National Heritage Park, parque de patrimônio histórico nacional, com a exibição da cultural material do passado baleeiro, inclusive com um tradicional Museu da Baleia. Posteriormente, em 1998, a localidade tornou-se um dos 16 casos de comunidades sob o Brownfields National Partnership – programa estabelecido pelo vice-presidente Gore para a limpeza e reabilitação de propriedades industriais

¹² Esses intermediários bilíngues e biculturais apresentam diferenciados campos sociais transnacionais. Alguns apresentam redes sociais mais densas na terra natal e outros, na região de fixação.

e comerciais abandonadas, ociosas ou subutilizadas. Essa designação possibilitou à cidade obter recursos necessários para a implementação de três planos mestres visando o desenvolvimento econômico, criação de empregos, intensificação das atividades de lazer e aumento de proteção ambiental.

Em 1997, esforços para financiar novas iniciativas de reinvenção urbana na localidade, com investimentos internacionais, frutificaram. Através da intermediação de açorianos influentes residentes na cidade, o Ministério dos Negócios Exteriores (na época sob o comando de um açoriano) alocou uma verba de US\$ 500.000,00 para a construção de uma ala especial no Museu da Baleia, esperando retratar a cultura material dos baleeiros açorianos de New Bedford. Essa doação possibilitou finalmente a incorporação de baleeiros açorianos ao patrimônio histórico da elite da cidade. O NBEDC também realizou várias tentativas para atrair empresas portuguesas para o parque comercial da cidade e a Zona de Livre Comércio, resultando, por exemplo, na abertura de alguns bancos portugueses na cidade. Diretores desse conselho visitaram Portugal à procura de investimentos e, recentemente, uma delegação de 50 pessoas, composta de lideranças governamentais, educadores e gente de negócios, e intermediada por um influente comerciante açoriano de Fall River, viajou para os Açores numa missão comercial para reforçar laços educacionais, culturais e econômicos com a costa sul de Massachusetts.¹³ Há, inegavelmente, um grande interesse por parte dos comerciantes da costa sul em conseguir acesso aos mercados europeus, através dos Açores.

Em suas tentativas anteriores para atrair manufaturas, indústrias de serviço e escritórios, o conselho promoveu a cidade como uma localidade com ampla reserva de trabalhadores experientes cujos salários eram bem mais baixos do que os da Grande Boston. Continuando um padrão iniciado ainda durante a Grande Depressão, o governo local tem sistematicamente se preocupado com o número de empregos que pode ser criado com a vinda de novas indústrias e outros estabelecimentos comerciais na cidade. Consequentemente, a fim de evitar a evasão de indústrias, o governo isenta indústrias locais do pagamento de impostos.¹⁴ Como parte desses esforços de recondição e comercialização da cidade, o conselho tem chamado a atenção para a disponibilida-

¹³ Entre as reportagens sobre essa missão, consultar, por exemplo, Dias (2008).

¹⁴ Esse foi o caso, por exemplo, da fábrica Bianco, foco das batidas de agentes da imigração que prenderam 300 imigrantes indocumentados em 2007, a maioria proveniente da Guatemala e Nicarágua.

de de se obter moradias e terrenos mais baratos em New Bedford do que na Grande Boston e para a ecologia e localização geográfica da municipalidade. Recentemente, dada a inclusão da cidade no projeto Brownfields, tentativas têm sido feitas para artistas ocuparem as antigas estruturas têxteis de New Bedford. Mas, localizada entre Providence e Boston e sofrendo forte competição dessas duas cidades, New Bedford enfrenta uma grande desvantagem: a falta de uma conexão ferroviária com ambas. Embora existam planos para a reconstrução de uma rede ferroviária, a municipalidade aparentemente não tem o poder necessário para atingir esse objetivo. Recentemente, o prefeito inaugurou uma linha de ônibus entre a Universidade de Massachusetts Dartmouth e a cidade para atrair estudantes para a sua área central. Mas os estudantes ainda preferem visitar a cidade de Providence, que oferece maiores atrativos.

A promoção de New Bedford como ponto turístico – com atrações multi-étnicas e multiculturais – é outro elemento importante dos esforços de revitalização econômica da cidade.

E a identidade portuguesa, antes racializada e, posteriormente, associada à alcunha de New Bedford como a “capital da gangue de estupradores portugueses da América”, finalmente tornou-se um componente visível e desejável do patrimônio cultural da cidade. Como parte das estratégias do Departamento de Turismo e Marketing para atrair turistas, os restaurantes, as padarias e as festas portuguesas tradicionalmente celebradas durante o verão – incluindo o Dia de Portugal, que era até inícios da década de 1990 uma celebração por e para portugueses e descendentes – são promovidos



como um “sabor de Portugal”, tornando-se, assim, constitutivos da intangível (mas bastante comercializada) diversidade cultural.¹⁵

Essa interconexão entre políticas de cultura e de investimentos aparenta mascarar as restritivas políticas migratórias atualmente em vigor nos Estados Unidos e as contínuas batidas de agentes da imigração contra trabalhadores indocumentados. Em 2004 e também em 2007, New Bedford atraiu a mídia nacional devido às batidas dos agentes de imigração. Em 1997 esses agentes prenderam 300 mulheres e homens, a maioria da Guatemala, Nicarágua e México. Embora em número menor, brasileiros e açorianos também estavam entre os presos. Dessa vez, contudo, como os maias se tornaram os novos “bodes expiatórios”, a mídia ignorou os açorianos que haviam sido presos.

Tendo em vista o número considerável de mães presas e separadas de seus filhos pequenos, seus dramas captaram a atenção e simpatia de autoridades locais e estaduais. Essas prisões mobilizaram também os cidadãos de New Bedford, inclusive sindicatos e lideranças comunitárias. No apoio local e estadual prestado às vítimas, há um reconhecimento implícito da importância desses trabalhadores indocumentados para a base econômica da reinventada e re-estruturada cidade de New Bedford. Entretanto, apesar da considerável solidariedade social exibida e da dependência de New Bedford desses imigrantes, as restritivas leis federais de imigração não deixaram espaço para apelações.

Conclusões

Este artigo evidencia a importância de uma perspectiva histórica e os benefícios da pesquisa etnográfica de longo prazo para mapear interconexões entre diferentes camadas de processos globais e locais. Com base nessa dimensão histórica, foi possível relacionar a recente renovação da portugalidade em New Bedford e os processos de incorporação de emigrantes em Portugal, constatados durante a minha pesquisa de campo inicial realizada em finais da década de 1980, com um processo simultâneo de re-escalamento que está, novamente, transformando a cidade. A incorporação transnacional dos

¹⁵ Sobre questões referentes à tradição e inovações desses festivais portugueses da costa sul, consultar Cabral (1989) e Leal (2005).

imigrantes portugueses em Portugal está intrincada à sua simultânea incorporação como agentes sociais na sua localidade de fixação. Ao retroceder no tempo e focalizar o apogeu e declínio de New Bedford, minha análise expôs uma história cujo principal protagonista é um capitalismo industrial predatório em declínio, que se nutre do controle e da exploração do trabalho imigrante.

Na era têxtil, a competição entre as tecelagens da Nova Inglaterra e do Sul dos Estados Unidos obrigou as tecelagens locais a encerrarem suas atividades ou a se deslocarem para o Sul, onde os salários dos trabalhadores eram mais baixos e a legislação social não era cumprida. Desde a década de 1980, a flexibilização do capital e o progressivo processo de terceirização, juntamente com o Nafta, acarretaram um novo ciclo de fechamento das fábricas locais e/ou seu deslocamento para outros países, onde a mão-de-obra era mais barata. Concomitantemente, políticas reguladoras resultaram na redução da pesca local. A durabilidade da decadente indústria manufatureira, a destruição e subsequente malogro em reconstruir o desativado sistema ferroviário, entre outras variáveis, restringindo a diversificação da economia local, implicaram recorrentes rebaixamentos da outrora celebrada “cidade baleeira” na economia política global.

Contudo, qualquer análise da história e da economia política de New Bedford nos força a considerar o seu posicionamento como uma cidade de imigrantes. Dessa perspectiva, podemos entender as transformações e mobilizações que estão a ocorrer, bem como o papel ativo desempenhado por suas populações transmigrantes e suas redes sociais na configuração desses processos. Essa história se inicia com os tripulantes açorianos e cabo-verdianos, cujo trabalho nas expedições baleeiras dos séculos XVIII e XIX criou o capital investido nas primeiras tecelagens locais. A destruição da posição internacional dessas tecelagens no primeiro quartel do século XX e as lutas operárias daquele período marcaram a incorporação plena de imigrantes portugueses na estrutura de classes local, enquanto a migração de retorno reforçou os campos sociais transnacionais que unem a cidade aos Açores e Portugal continental, como também à Cabo Verde. Mais recentemente, migrantes portugueses se tornaram protagonistas centrais nos esforços de New Bedford e localidades circunvizinhas de se reposicionarem regionalmente como costa sul de Massachusetts e, ao mesmo tempo, enquanto locação para investimentos, comércio e turismo, visando especialmente Portugal e a União Europeia.

Parte desses esforços de revitalização é marcada por uma nova valorização do papel dos portugueses na região. Certamente, a diminuição dramática da emigração portuguesa, a dissociação entre portugueses e cabo-verdianos com referência à questão racial e os esforços das universidades da região em prol da promoção da alta cultura portuguesa contribuem para essa valorização. Mas, primordialmente, destacam-se as intensificadas conexões das lideranças imigrantes e de luso-descendentes com o país de origem e a crescente presença do Estado português na economia política e cultural dessa decadente região, nessa nova e mais positiva imagem de Portugal e dos portugueses na região. Essa reavaliação está revertendo a dominante imagem negativa sobre os portugueses na cidade, e que havia sido reforçada pelo drama do estupro de 1983.

Ironicamente, a identificação pública de New Bedford com a imigração portuguesa e com Portugal se tornou um recurso valioso nos esforços dessa cidade para conseguir competir regional e globalmente. Lideranças transmigrantes se mostraram capazes de desempenhar papel central no alcance transnacional da cidade. O ingresso de Portugal na Comunidade Europeia foi crucial para a melhoria de posicionamento dessas lideranças enquanto protagonistas econômicas, políticas e sociais não só em New Bedford e região circunvizinha, mas também em relação a Portugal e ao Estado português. Devido à deterioração histórica e contemporânea do posicionamento regional e global de New Bedford, esse alcance transnacional, incluindo acesso à Comunidade Europeia, se tornou especialmente relevante para a cidade e para essas lideranças transmigrantes. Suas conexões as posicionam mais centralmente no cenário político e econômico da costa sul de Massachusetts como facilitadoras de parcerias educacionais e econômicas com a terra natal, principalmente com os Açores. Lideranças bilíngues e biculturais também se revelaram intermediárias capazes de canalizar verbas portuguesas para New Bedford e região circunvizinha. Tornaram-se, por conseguinte, parte dos esforços de reposição tanto de New Bedford e Fall River quanto do Estado português, na atual conjuntura global. Mas, concomitantemente ao avanço da posição social e do capital cultural dessas lideranças, estão a ocorrer perdas na qualidade de vida e nas aspirações futuras daqueles que precisam migrar para trabalhar. O regime neoliberal de flexibilização do capital e trabalho, juntamente com as restrições políticas de imigração, que criminalizam migrantes e os percebem como questão de segurança nacional, tem resultado não só na perda das condições

de trabalho seguras e estáveis conquistadas pelas mobilizações operárias do início do século XX, como também no aumento da exploração e da vulnerabilidade econômica desses trabalhadores.

Referências

BARROW, C. W.; BORGES, D. *Greater New Bedford economic base analysis: critical and emerging industries and work force development target*. Dartmouth: University of Massachusetts Dartmouth, Center for Policy Analyses, 2001. (Economic Research Series, n. 29).

BOSS, J. A.; THOMAS, J. D. *New Bedford: a pictorial history*. Norfolk: Donning Company Publisher, 1983.

CABRAL, S. L. *Tradition and transformation: Portuguese feasting in New Bedford*. New York: AMS Press, 1989.

ÇAGLAR, A.; GLICK SCHILLER, N. *Migrant incorporation and city scale: theory in the balance*. Paper apresentado no workshop Migration and City Scale, Halle/Saale: Max Planck Institute for Social Anthropology, 2006.

CWERNER, S. B. *Research note: the chronopolitan idea: time, belonging and globalization*. *Time & Society*, v. 9, n. 2/3, p. 331-345, 2000.

DIAS, L. F. Mission to the Azores: most useful and informative. *O Jornal*, Fall River, 29 fev. mar. 2008. Disponível em: <http://www.zwire.com/site/index.cfm?newsid=19347395&BRD=2677&PAG=461&dept_id=543384&rft=8>. Acesso em: 30 out. 2008.

FELDMAN-BIANCO, B. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity and nationalism among Portuguese immigrants. In: GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L.; SZANTON, C.(Org.). *Transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. New York: New York Academy of Sciences, 1992. p. 145-174. (Annals of the New York Academy of Sciences, v. 645).

FELDMAN-BIANCO, B. Saudade, immigration and the politics of reterritorialization and deterritorialization. *Oficina do CES*, Coimbra: Universidade de Coimbra, n. 42, p. 1-33, 1995.

FELDMAN-BIANCO, B. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference. *Identities: Studies in Politics and Culture*, v. 4, n. 4, p. 607-650, 2001. (Colonialism as a continuing project: the Portuguese Case, org. Bela Feldman-Bianco).

FELDMAN-BIANCO, B. Empire, postcoloniality and diasporas (feature). *Hispanic Research Journal*, London: University of London, v. 8, n. 3, p. 267-278, 2007.

GEORGEANNA, D.; AAROSON, R. H. *The strike of '28*. New Bedford: Spinner Publications, 1993.

GEORGEANNA, D.; SCHRADER, D. The effects of days on sea on employment, income and hours of work: some preliminary evidence. *Human Ecology Review*, v. 15, n. 2, p. 185-193, 2008.

GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L.; SZANTON, C.(Org.). *Transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

GLICK SCHILLER, N.; FOURON, G. *Georges woke up laughing: long distance nationalism and the search for home*. Durham: Duke University Press, 2001.

LANG, S. W. *State of the City address*. City of New Bedford, 1 mar. 2007.

LEAL, J. Traveling rituals: Azorean Holy Ghost festivals in the United States. *Croatian Journal of Ethnology and Folklore Research*, v. 42, n. 1, p. 101-124, 2005. (Challenges of migration to the State, org. J. Capó e J. Leal).

MONIZ, M. *Strangers in their own land: criminal deportee, forced return migrants and transnational identity, the Azorean example*. Tese (Doutorado em Antropologia)—Brown University, Providence, 2004.

OS PORTUGUESES em New Bedford. New Bedford: Montepio Luso-Americano, 1932.

REEVE, Penn. The Portuguese worker. In: MCCABBE, M.; THOMAS, J. D. (Org.). *Portuguese spinner: an American story*. New Bedford: Spinner Publications, 1997. p. 230-235.

SÁ, M. G. de. The Azorean community on the East Coast in Capelinhos: a volcano of synergies. In: GOULART, T. (Coord.). *Azorean emigration to America*. San Jose: Portuguese Heritage Publications of California, 2008. p. 159-170.

SÁ, M. G. de; BORGES, D. Portuguese-Americans and social mobility. In: KLIMT, A.; COSTA HOLTON, K. (Org.). *Building ethnic communities: Portuguese-American communities along the Eastern Seaboard*. Dartmouth: Center for Portuguese Studies: UMass Dartmouth Press. No prelo. (Portuguese-American Series).

SAUDADE. Watertown: Documentary Educational Resources, 1991. Realização: Bela Feldman-Bianco. Vídeo-documentário, cor, 58 min.

SMITH, Estellie. Portuguese enclaves: the invisible minority. In: FITZGERALD, T. (Org.). *Social and cultural identity: problems of persistence and change*. Athens: Southern Anthropological Society, University of Georgia Press, 1974. p. 81-91.

TRADE UNIONISTS stopped from entering Canada to protest the Free Trade Area of the Americas. *Common Dreams Progressive Newswire*, 18 abr. 2001. Disponível em: <<http://www.commondreams.org/news2001/0418-05.htm>>. Acesso em: 30 out. 2008.

WOLFBEIN, S. *The decline of a cotton textile city*. New York. Columbia University Press, 1944.

Recebido em: 31/10/2008

Aprovado em: 27/01/2009